

Crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas na Lingüística Aplicada: um panorama histórico dos estudos realizados no contexto brasileiro¹

Kleber Aparecido da SILVA
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Resumo: *Este artigo apresenta uma revisão da literatura sobre o conceito crenças no ensino e aprendizagem de línguas dentro da Lingüística Aplicada. Para isso, dentro de um histórico, teço considerações sobre como esse conceito tem sido pesquisado no exterior e especialmente no contexto brasileiro. Concluo com as implicações desse conceito no ensino e aprendizagem de línguas e na formação de professores e com sugestões para futuras pesquisas a respeito das crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas na Lingüística Aplicada.*

Palavras-chave: *crenças sobre ensino/aprendizagem de línguas; ensino de línguas; aprendizado de línguas; Lingüística Aplicada.*

As pessoas internalizam inconscientemente as crenças sobre linguagem durante a vida toda e assim as crenças sobre o que é linguagem, linguagem adequada e assim por diante, variam de indivíduo para indivíduo e são profundamente mantidas.
(Woods, 1996, p.186)²

¹ Este artigo é uma versão atualizada da comunicação intitulada “O conceito crenças no túnel do tempo da Lingüística Aplicada”, apresentada na XVII Spring Conference, no Centro Universitário Ibero-Americano, em 25/10/03. Agradeço imensamente ao Professor Dr. José Carlos Paes de Almeida Filho, e às Professoras, Dr^a Ana Maria Ferreira Barcelos, Dr^a Maria Helena Vieira-Abrahão, MSc. Cláudia Hilsdorf Rocha e MSc. Maria de Lourdes da Rocha Sandei, e aos meus colegas da pós-graduação em Lingüística Aplicada, Professor Marco Aurélio Pereira e Professora Leny Pereira Costa, pelas valiosas contribuições ao texto produzido. As falhas remanescentes permanecem sob minha inteira responsabilidade.

² “People unconsciously internalize beliefs about language throughout their lives, and so the beliefs about what language is, what ‘proper’ language is, and so on, vary from individual to individual and are often deeply held” (Woods, 1996, p.186).

INTRODUÇÃO

As crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas têm despertado o interesse de inúmeros pesquisadores, tanto no contexto brasileiro (Barcelos e Vieira-Abrahão, 2006; Rocha, 2006; Garbuió, 2005; Gil, Rauber, Carazzai e Bergsleithner, 2005; Silva, 2005; Araújo, 2004; Belam, 2004; Finardi, 2004; Vieira-Abrahão, 2004; Gimenez, 2002; Leffa, 2001; Barcelos, 2000; Almeida Filho, 1999; dentre outros), quanto no exterior (Horwitz, 1985; Wenden, 1986; Kern, 1995; Peacock, 2001; Kalaja e Barcelos, 2003; dentre outros). Levando em consideração esse interesse e a importância desse conceito para a *Linguística Aplicada* (doravante LA),³ Barcelos (2004a) apresenta em seu artigo um breve histórico do conceito crenças na LA, trazendo também os marcos teóricos e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem de LE.

Levando-se em consideração esta premissa, o presente artigo visa apresentar uma revisão da literatura em LA acerca do conceito de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro, colocando em uma perspectiva atual as discussões a seu respeito, trazendo, por sua vez, as definições e conceituações distintas, além de expor aspectos que ainda merecem ser investigados. Para atingir este propósito, mostro inicialmente como surgiu esse conceito. Logo a seguir, apresento os termos e as diversas definições do conceito crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas na LA. Em seguida, apresento um panorama histórico dos estudos realizados no contexto brasileiro. E, na quarta e última seção, comento as implicações dos estudos sobre crenças para o ensino e aprendizagem de línguas e para

³ Convergemos com Almeida Filho (2005, p.31) que define “Linguística Aplicada” como uma “das ciências da linguagem, a que focaliza especificamente questões da linguagem inseridas na prática social real, distribuídas em subáreas tais a do ensino-aprendizagem das línguas, a da tradução e interpretação, a da terminologia e lexicografia, e a das relações sociais/profissionais mediadas pela linguagem”.

a formação de professores, concluindo com questionamentos e sugestões para estudos futuros.

CRENÇAS: A GÊNESIS

A palavra “crença”, originária do latim medieval (“*credentia*”, que vem do verbo “*credere*”), é definida por Ferreira (1986, p.496) como “opiniões adotadas com fé e convicção” e também com “convicção íntima”. Faz deveras sentido essa definição acima. Para Doron e Parot (1998), a crença pode apresentar-se como uma opinião (no sentido de fazer corresponder crenças aos conhecimentos prováveis), como uma crença propriamente dita (no sentido de corresponder a uma adesão que, apesar de excluir a dúvida, não se firma nos conhecimentos científicos) ou como um saber (a crença seria decididamente assertiva, fundamentada em conhecimentos socialmente reconhecidos, ainda que nem sempre demonstráveis) (cf. Bandeira, 2003, p.64).

Concordo com Bandeira (2003) quando afirma que o empenho ou convicção íntima parece ser a força que move a crença. “Tanto o é que se a dúvida suspender o empenho (ou se a opinião excluir as condições necessárias para o empenho) a crença transforma-se em descrença” (Bandeira, 2003, p.65). Contudo, para Baigent et al. (1994), tanto a crença como a descrença são, em si mesmas, uma forma de crença. Para esse autor, dizer que não acreditamos em telepatia ou em fantasmas ou que acreditamos em Deus é tanto um ato de fé quanto não acreditar neles. Vale salientar que o conceito crenças já foi resignificado na LA, e, portanto, para os estudiosos dessa área do conhecimento, o referido conceito não é relacionado com a religião ou superstição.

Outro aspecto importante em relação à crença é o fato de termos ou não consciência dela (Schön, 1983; Williams e Burden, 1997; Bandeira, 2003; dentre outros). Ela implica, segundo Bandeira (2003, p.65), “uma disposição para a ação; e pode transformar-se em regras de comportamento, devido

ao alto grau de probabilidade e estabilidade. São consideradas princípios filosóficos que orientam a prática do professor”. Nesse sentido, as crenças seriam uma das forças operantes da abordagem de ensinar do professor de LE, conforme proposto por Almeida Filho (1993).

Segundo Barcelos (2004a) e Silva (2005), o conceito crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas não é específico da LA. É antes um conceito antigo em outras áreas do conhecimento como a Sociologia (Bourdieu, 1987, 1991), Psicologia Cognitiva (Abelson, 1979; Posner et al., 1982; Nespor, 1987), Psicologia Educacional, Educação (Dewey, 1933; Kruger, 1993; Pacheco, 1995; Raymond e Santos, 1995; Sadalla, 1998; Del Prette e Del Prette, 1999; Mateus, 1999; e Rocha, 2002) e Filosofia (Peirce, 1877) (cf. Silva, 2005).

Um dos precursores do estudo sobre *crenças na aprendizagem* é Honsfeld (1978), que usou o termo “mini-teorias de aprendizagem de línguas dos alunos”, para se referir ao “conhecimento tácito dos alunos, mesmo sem denominá-los de crenças” (Barcelos, 2004a, p.127). Após os estudos de Honsfeld (1978) surgiram os estudos de Horwitz (1985) e de Wenden (1986). Sadalla (1998, p.25), por sua vez, afirma que um dos percussores dos estudos sobre *crenças no ensino* é Shulman (1986), que tinha como objetivo, em suas pesquisas, descrever “a vida mental do professor, concebido como um agente que toma decisões, reflete, emite juízos, tem *crenças* e atitudes” (grifo meu). Já que o foco deste artigo é discutir esse conceito na LA, me deterei a partir de agora nessa área do conhecimento.

Barcelos (2004a, p.124) afirma que o início da pesquisa sobre crenças na aprendizagem (e acréscimo no ensino) de línguas na LA “se deu em meados dos anos 80, no exterior, e em meados dos anos 90, no Brasil”. A referida autora explica que esse conceito ganhou proeminência e cita que, no congresso da Associação Brasileira de Linguística Aplicada (doravante CBLA) de 1995, não havia nenhum trabalho sobre crenças no ensino e na aprendizagem de línguas. Já no CBLA

de 1998, encontramos as primeiras referências a estudos a respeito de crenças de professores de línguas. Foram apresentados quatro trabalhos sobre crenças no ensino e na aprendizagem de línguas.

No ano de 2001, o CBLA contou com a participação de inúmeros pesquisadores, sendo que foram apresentados três trabalhos sobre crenças no ensino e na aprendizagem de LE. Nesse evento, pela primeira vez, esse importante tópico fez parte de uma conferência⁴ (cf. Silva, 2005). O mais recente CBLA, realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 2004, contou com a participação de uma gama expressiva de pesquisadores, sendo que vinte e dois, de onze universidades brasileiras⁵ e de uma universidade do exterior,⁶ apresentaram dez comunicações individuais e três sessões temáticas sobre crenças no ensino e aprendizagem de línguas (cf. Silva, 2005).

Além disso, desde 1995, o número de dissertações de mestrado (Gratão, 2006; Rocha, 2006; Coelho, 2005; Garbuio, 2005; Lima, 2005; Miranda, 2005; Moraes, 2005; Pereira, 2005; Santos, 2005; Silva, K., 2005; Trajano, 2005; Vechetini, 2005; Andrade, 2004; Araújo, 2004; Belam, 2004; Finardi, 2004; Silva, S., 2004; Souza, 2004; Bandeira, 2003; Chimim, 2003; Dias, 2003; Leite, 2003; Perina, 2003; Silva, N., 2003; Carazzai, 2002; Mastrella, 2002; Nonemacher, 2002; Custódio, 2001; Marques, 2001; Martins, 2001; Silva, L., 2001; Carvalho, 2000;

⁴ A conferência “Crenças sobre aprendizagem de línguas, lingüística aplicada e ensino de línguas estrangeiras” foi proferida pela Professora Dr^a Ana Maria Ferreira Barcelos, no VI CBLA, em Belo Horizonte, MG, em 11/10/2001. A versão atualizada desta conferência foi publicada na *Revista Linguagem & Ensino*, v.7, n.1, p.123-156, 2004a.

⁵ As universidades brasileiras representadas foram as seguintes: UNICAMP, UFV, UFSCar, UNESP-São José do Rio Preto, UFOP, UFMG, UFSC, UNIJUI, UNILESTE, UFSM e UFRGS.

⁶ O CBLA de 2004 contou com a participação de três professores e pesquisadores da Lingüística Aplicada da Universidade de Jyväskylä (Finlândia).

Moreira, 2000; Silva, I., 2000; Garcia, 1999; André, 1998; Cunha, 1998; Félix, 1998; Maláter, 1998; Reynaldi, 1998; Rolim, 1998; Saquetti, 1997; Freitas, 1996; Barcelos, 1995) e teses de doutorado (Conceição, 2004; Kudriess, 2002; Silva, S., 2001; Barcelos, 2000; Gimenez, 1994) têm crescido expressivamente, além de publicações de artigos sobre crenças de professores e de aprendizes em periódicos muito conhecidos pelos lingüistas aplicados brasileiros.⁷

Além das variáveis supracitadas, foram publicados na área da LA oito livros que, por sua vez, investigaram as crenças de professores de línguas em formação. Vale salientar que sete deles foram publicados por estudiosos da LA no contexto brasileiro (Barcelos e Vieira-Abrahão, 2006; Gil, Rauber, Carazzai e Bergsleithner, 2005; Vieira-Abrahão, 2004; Rottava e Lima, 2004; Gimenez, 2002; Leffa, 2001; Almeida Filho, 1999) e um livro no exterior (Kalaja e Barcelos, 2003).⁸ Essa variável, a meu ver, atesta ainda mais a vitalidade relativa das crenças de professores de línguas na LA.

Tendo em vista o exposto acima, percebo que esse conceito tem despertado o interesse de pesquisadores da LA não apenas no contexto brasileiro, mas também no exterior (Horwitz, 1985; Wenden, 1986; Kern, 1995; Kalaja e Barcelos, 2003). Como ilustração, “na conferência da Associação Internacional de LA”, realizada em 1999, no Japão (Tóquio), “houve um simpósio sobre crenças de aprendizagem de línguas” e, mais tarde, no mesmo ano, foi publicado um volume do “periódico *System*, dedicado às crenças sobre

⁷ Os periódicos consultados e que publicaram artigos sobre crenças de professores e de aprendizes de línguas são respectivamente: *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada* (ALAB), *Trabalhos de Lingüística Aplicada* (UNICAMP), *D.E.L.T.A.* (Documentação em Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada/PUC-SP), *Intercâmbio* (PUC-SP), *The ESPECIALIST* (Pesquisa em Línguas para Fins Específicos: Descrição, Ensino e Aprendizagem e Linguagem/PUC-SP) e *Linguagem & Ensino* (Universidade Católica de Pelotas).

⁸ Se o leitor desejar obter maiores informações sobre essas coletâneas, veja Silva (2005, p.100-101).

aprendizagem de línguas” (Barcelos, 2001, p.71). Os inúmeros artigos publicados em periódicos no exterior⁹ e as variáveis elicitadas e discutidas preliminarmente contribuem para o desenvolvimento e a consolidação desse conceito na LA, tanto no nosso país quanto no exterior.

CRENÇAS SOBRE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS:
CONSIDERAÇÕES TERMINOLÓGICAS E CONCEITUAIS

Price (1969), Pajares (1992), Woods (1996) e Johnson (1999) afirmam que as crenças são um conceito complexo. Parte dessa complexidade deve-se à existência de inúmeros termos e definições para se referir às crenças. Pajares (1992) elenca alguns deles: atitudes, valores, julgamentos, axiomas, opiniões, ideologia, percepções, conceituações, sistema conceitual, pré-conceituações, disposições, teorias implícitas, teorias explícitas, teorias pessoais, processo mental interno, estratégia de ação, regras de prática, princípios práticos, perspectivas, repertórios de compreensão, estratégia social.

Abordando essa mesma questão, Gimenez (1994) e Garcia (1995) ampliam a relação previamente definida por Pajares (1992), acrescentando os seguintes termos: teorias populares, conhecimento prático pessoal, perspectiva, teoria prática, construções pessoais, epistemologias, modos pessoais de entender, filosofias instrucionais, teorias da ação, paradigmas funcionais, autocompreensão prática, sabedoria prática, metáforas e crenças.

Barcelos (2001, p.72) alerta-nos que esse fenômeno – a existência de diversos termos para um mesmo conceito – acontece em outras áreas do conhecimento (Filosofia, Psicologia Cognitiva, Psicologia Educacional e Educação),

⁹ Seguem os periódicos do exterior que publicaram artigos sobre crenças de professores e de aprendizes de línguas: *Applied Linguistics*, *ELT Journal*, *Foreign Language Annals*, *International Journal of Applied Linguistics*, *Journal of Curriculum Studies*, *Studies in second language acquisition*, *Teaching and Teacher Education*, dentre outros.

mas especialmente na Lingüística Aplicada, onde encontramos termos como “representações dos aprendizes” (Holec, 1987), “filosofia de aprendizagem de línguas” (Abraham e Vann, 1987), “conhecimento metacognitivo” (Wenden, 1986), “crenças” (Wenden, 1986), “crenças culturais” (Gardner, 1988), “representações” (Riley, 1989, 1994), “teorias folclórico-lingüísticas de aprendizagem (Miller e Ginsberg, 1995), “cultura de aprender” (Almeida Filho, 1993; Cortazzi e Jin, 1996), “cultura de ensinar” (Almeida Filho, 1993), “cultura de aprendizagem” (Riley, 1997), “concepções de aprendizagem e crenças” (Benson e Lor, 1999) e “cultura de aprender línguas” (Barcelos, 1995), empregados para se referir às crenças sobre aprendizagem de línguas.¹⁰

Essa profusão de termos presentes na Lingüística Aplicada, se por um lado reforça a dificuldade apontada por Pajares (1992), por outro sinaliza o potencial desse conceito, motivando-nos a investigar as questões (inter)relacionadas com o complexo processo de ensinar e aprender uma LE (cf. Silva, 2005). Segundo Barcelos (2000, p.30-33), é preciso que as pesquisas que estão sendo realizadas no âmbito da linguagem desvendem a natureza multidimensional e paradoxal das crenças.

Woods (1993) utiliza a metáfora “floresta terminológica” para se referir às crenças, a complexa tarefa de investigá-las no contexto de ensino/aprendizagem de uma LE e o grande número de termos encontrados na literatura da LA para nomeá-las. A Tabela 1 mostra alguns dos vários termos e definições já usados em pesquisas brasileiras para se referir às crenças sobre aprendizagem de línguas.

¹⁰ As referências dos teóricos elencados encontram-se em Barcelos (2004a, p.149-156).

Tabela 1: Diferentes termos e definições para crenças sobre aprendizagem de línguas

Termos	Definições
Abordagem ou cultura de aprender (Almeida Filho, 1993)	“Maneiras de estudar e de se preparar para o uso da língua-alvo consideradas como ‘normais’ pelo aluno e típicas de sua região, etnia, classe social e grupo familiar, restrito em alguns casos, transmitidas como tradição, através do tempo, de uma forma naturalizada, subconsciente, e implícita” (p.13).
Cultura de Aprender Línguas (1995)	“O conhecimento intuitivo implícito (ou explícito) dos aprendizes constituído de crenças, mitos, pressupostos culturais e ideais sobre como aprender línguas. Esse conhecimento compatível com sua idade e nível sócio-econômico, é baseado na sua experiência educacional anterior, leituras prévias e contatos com pessoas influentes” (p.40).
Crenças (André, 1996)	“Crenças são entendidas como posicionamentos e comportamentos embasados em reflexões, avaliações e em julgamentos que servem como base para ações subseqüentes” (p.48).

Crenças (Félix, 1998)	“Opinião adotada com fé e convicção baseada em pressuposições e elementos afetivos que se mostram influências importantes para o modo como os indivíduos aprendem com as experiências e caracterizam a tarefa de aprendizagem (do aluno, no caso do professor)” (p. 26).
Crenças (Pagano et al., 2000)	“Todos os pressupostos a partir do qual o aprendiz constrói uma visão do que seja aprender e adquirir conhecimento” (p.9).
Crenças (Barcelos, 2001)	“Idéias, opiniões e pressupostos que alunos e professores têm a respeito dos processos de ensino/ aprendizagem de línguas e que os mesmos formulam a partir de suas próprias experiências”.
Crenças (Mastrella, 2002)	“Crenças são interpretações da realidade socialmente definidas que servem de base para uma ação subsequente” (p.33).
Crenças (Perina, 2003)	“As crenças (...) são “verdades pessoais, individuais, baseadas na experiência, que guiam a ação e podem influenciar a crença de outros” (p.10-11).
Crenças (Barcelos, 2004a)	As crenças têm suas origens nas experiências e são pessoais, intuitivas e na

	<p>maioria das vezes implícitas. Dessa forma, as crenças não são apenas conceitos cognitivos, mas são “socialmente construídas” sobre “experiências e problemas, de nossa interação com o contexto e da nossa capacidade de refletir e pensar sobre o que nos cerca” (p.132).</p>
Crenças (Barcelos, 2004b)	<p>Assim, as crenças não seriam somente um conceito cognitivo, antes “construtos sociais nascidos de nossas experiências e de nossos problemas (...) de nossa interação com o contexto e de nossa capacidade de refletir e pensar sobre o que nos cerca” (p.20).</p>
Crenças (Lima, 2005)	<p>“Filtro pelo qual passa todo e qualquer conhecimento e como algo que não está disponível de forma sistematizada para todas as pessoas, como está o conhecimento, mas existe a dimensão individual como na social e pode ser questionado e rejeitado por outras pessoas que não compartilham do mesmo sistema de crenças. (...) A crença não deixa instantaneamente de ser verdadeira para o indivíduo que a possui, mas se modifica na medida em que novas crenças são incorporadas no sistema de crenças de um</p>

	<p>indivíduo e essas novas crenças são incorporadas no sistema de crenças de um indivíduo e essas novas crenças, podem vir a substituir a anterior ou não” (p.22).</p>
Mitos (Carvalho, 2000)	<p>“Os mitos costumam ser frutos de concepções errôneas e estereotipadas, às vezes veiculadas pela mídia e passadas de geração para geração sem que as pessoas parem para refletir ou mesmo buscar na literatura especializada elementos que justifiquem ou não esses mitos” (p.85)</p>
Imaginário (Cardoso, 2002)	<p>“O conjunto de imagens que nos guiam para entender o processo de ensinar”, no caso do professor, “e de aprender”, no caso do aluno. “É o universo, a constelação de imagens que surgem, algumas formadas conforme o explicitado pela teoria e muitas conforme a intuição, a teoria informal e as teorias passadas”. Nesse imaginário, situa-se, conforme bem enfatizado por Cardoso (2002, p. 20), “a raiz do implícito, lugar recôndito que guarda as crenças, as sensações, as intuições sobre o processo de aprender e de ensinar que nos orientam e nos levam a agir como aluno e como professor”. O imaginário é, pois, constituído ao longo de nossa vida pessoal e profissional (p.20).</p>

Crenças (Barcelos, 2006)	“Crenças, de maneira semelhante a Dewey (1933), como uma forma de pensamento, como construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re) significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxicais” (p.18).
--------------------------	--

Olhando para essas definições, é possível fazermos duas observações. Primeiro, grande parte das definições levam em consideração o contexto social em que tanto professores quanto alunos estão inseridos. Segundo, para os referidos autores, as crenças variam de pessoa para pessoa, são mutáveis e estão relacionadas às experiências de cada indivíduo e ao contexto sócio-cultural com o qual interage. Assim, as crenças podem ser pessoais ou coletivas, intuitivas e na maioria das vezes são implícitas.

Depois de um repasso minucioso da literatura em LA, encontrei outros termos utilizados para se referir às crenças sobre o ensino de línguas. São eles: “teorias populares” (Lakoff, 1985), “conhecimento prático” (Elbaz, 1981), “perspectiva” (Janesick, 1982), “conhecimento prático pessoal” (Elbaz, 1981), “teoria prática” (Handal e Lauvas, citado em Cole, 1990), “teoria implícita” (Breen, 1985; Clark, 1988) e “imagens” (Calderhead e Robson, 1991). Esses termos e as definições dos referidos autores podem ser mais bem visualizados na Tabela 2, extraída e reduzida de Silva (2005, p.71). Já os teóricos acima listados encontram-se em Gimenez (1994).

Tabela 2: Termos e definições para crenças sobre o ensino de línguas¹¹

Termos	Definições
Teorias Populares (Lakoff, 1985)	As teorias populares são o substrato dos pressupostos e da postura do indivíduo dentro de sua cultura.
Conhecimento Prático (Elbaz, 1983)	Conjunto de entendimentos complexos e orientado para a prática de professores.
Perspectiva (Janesick, 1982)	Interpretação reflexiva e socialmente derivada que serve de base para ações subsequentes.
Conhecimento Prático Pessoal (Elbaz, 1981)	Um tipo de conhecimento que é experiencial, que faz parte e pode ser reconstruído a partir das narrativas de professores.
Teoria Prática (Handal e Lauvas, citado em Cole, 1990)	Um sistema particular, integrado, mas mutável de conhecimento, experiência e valores relevantes para a prática pedagógica em qualquer tempo.
Teoria Implícita (Breen, 1985; Clark, 1988)	As agregações ecléticas de proposições de causa-efeito, que não são claramente articuladas, mas inferidas e reconstruídas por pesquisadores” (Clark, 1988). “O aprendizado de uma LE se dá (...) através dos significados dados pelos

¹¹ Esta tabela foi extraída de Silva (2005, p.73).

	participantes desse processo – através de seus fundamentos lógicos para o que eles estão fazendo dentro da estrutura da sala de aula. (Breen apud Rolim, 1998).
Imagens (Schön, 1983; Calderhead e Robson, 1991)	O conhecimento formado por convicções, conscientes ou inconscientes, surgidas da experiência, que são íntimas, sociais, tradicionais, e que são expressas nas ações da pessoa (Schön, 1983:362). Representam o conhecimento sobre ensino que podem também servir de modelos para ação. Elas geralmente incluem um componente afetivo (Calderhead e Robson, 1991).

Segundo Silva (2005), essa profusão de termos que caracteriza as crenças no processo de ensino/aprendizagem de línguas por si mesma já justifica a importância dessa variável nos estudos de LA e mostra que ainda há um extenso caminho a ser percorrido nesse campo de pesquisa.

Consciente de não haver uma definição única do conceito crenças sobre o processo de ensinar e aprender línguas, convirjo com Silva (2005) no que diz respeito à concepção do referido termo. Esse autor define crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas como:

Idéias ou conjunto de idéias para as quais apresentamos graus distintos de adesão (conjecturas, idéias relativamente estáveis, convicção e fé). As crenças na teoria de ensino e aprendizagem de línguas são essas idéias que

tanto alunos, professores e terceiros¹² têm a respeito dos processos de ensino/aprendizagem de línguas e que se (re)constróem neles mediante as suas próprias experiências de vida e que se mantêm por um certo período de tempo. (Silva, 2005, p.77)

Retomo também a concepção de que as crenças¹³ são complexas, dinâmicas, paradoxais, contraditórias; estão relacionadas intimamente ao nosso eu, ou seja, à nossa própria identidade, conforme salientado por Barcelos (2006; 2004a, 2004b, 2000) e Silva (2005). Vale salientar ainda que as crenças são interativas, emergentes, recíprocas, são vistas como social e, portanto, também cultural e historicamente constituídas através da interação do sujeito com o contexto, possuindo uma estreita relação com a ação (cf. Kalaja, 1995; Kalaja e Barcelos, 2003; Barcelos, 2004a, 2004b; 2006; Silva, 2005; entre outros).

Outra variável que está intrinsecamente relacionada com a natureza das crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas é que elas têm um componente afetivo (“pet beliefs” – Dewey, 1933), fruto dos sentimentos e das avaliações de experiências. Segundo Nespor (1987), as crenças são compostas de inúmeros fatores, dentre eles emoções, expectativas, sentimentos, valorações e percepções que se firmam como atitudes, posturas do professor/aprendiz frente ao processo de ensinar/aprender uma LE. As crenças, segundo Silva (2005, p.78), “seriam um acervo vivo de verdades individuais ou coletivas,¹⁴ na maioria das vezes implícitas, (re)construídas

¹² Para Silva (2005, p.77), “terceiros” ou “cultura de terceiros” são os “os outros agentes participantes do processo educacional, tais como o coordenador, diretor e/ou dono da escola; autores de documentos educacionais (Parâmetros Curriculares Nacionais, Leis e Diretrizes e Bases para a Educação, etc), pais, dentre outros”.

¹³ As crenças podem ser construídas na interação, no contexto e nas experiências.

¹⁴ Por exemplo, um grupo de pessoas, no nosso caso alunos e professores, pode compartilhar de uma mesma crença.

ativamente nas experiências, que guiam a ação do indivíduo e podem influenciar a crença de outros que estejam ou não inseridos na sala de aula”.

CRENÇAS SOBRE O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS: UM PANORAMA HISTÓRICO DAS PESQUISAS REALIZADAS NO CONTEXTO BRASILEIRO

No Brasil, os estudos sobre crenças no ensino e aprendizagem de línguas ganhou força na década de 90 com os seguintes marcos teóricos: Leffa (1991), Almeida Filho (1993) e Barcelos (1995). Leffa (1991) investigou as concepções de alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental (5ª série) e mostra que, mesmo antes de iniciar o estudo de uma LE, eles já trazem concepções sobre língua, linguagem e aprendizagem de línguas. Isso nos leva a acreditar que devem existir outros fatores, além da experiência educacional, que influenciam os tipos de crenças e concepções dos alunos sobre a aprendizagem de línguas.

Almeida Filho (1993, p.13) definiu *abordagem* ou *cultura de aprender* como “maneiras de estudar e de se preparar para o uso da língua-alvo consideradas como ‘normais’ pelo aluno e típicas de sua região, etnia, classe social e grupo familiar, restrito em alguns casos, transmitidas como tradição, através do tempo, de uma forma naturalizada, subconsciente, e implícita”. Barcelos (1995) utilizou o conceito *cultura de aprender* (Almeida Filho, 1993) para investigar as crenças de alunos formandos de Letras, e possibilitou uma expansão do termo previamente definido por Almeida Filho (1993). Para a referida autora, *a cultura de aprender línguas* envolve o “conhecimento intuitivo implícito (ou explícito) dos aprendizes constituído de crenças, mitos, pressupostos culturais e ideais sobre como aprender línguas” (Barcelos, 1995, p.40). Esse conhecimento, compatível com a idade e o nível sócio-econômico do aprendiz, é baseado: na experiência educacional anterior; leituras prévias; contato com pessoas influentes. Ele envolve também as maneiras usuais de os aprendizes

estudarem e se prepararem para o uso da língua-alvo (cf. Almeida Filho, 1993).

Além destes estudos, há atualmente uma gama expressiva de trabalhos na LA (artigos, livros, dissertações e teses) que investigaram as crenças de alunos e professores sobre o complexo processo de aprender e ensinar línguas (Barcelos e Vieira-Abrahão, 2006; Gil, Rauber, Carazzai e Bergsleithner, 2005, Gratão, 2006; Rocha, 2006; Coelho, 2005; Garbuiro, 2005; Lima, 2005; Miranda, 2005; Moraes, 2005; Pereira, 2005; Santos, 2005; Silva, K., 2005; Trajano, 2005; Vechetini, 2005; Andrade, 2004; Araújo, 2004; Belam, 2004; Finardi, 2004; Silva, S., 2004; Souza, 2004; Bandeira, 2003; Chimim, 2003; Dias, 2003; Leite, 2003; Perina, 2003; Silva, N., 2003; Carazzai, 2002; Mastrella, 2002; Nonemacher, 2002; Custódio, 2001; Marques, 2001; Martins, 2001; Silva, L., 2001; Silva, S., 2001; Barcelos, 2000; Carvalho, 2000; Moreira, 2000; Silva, I., 2000; Garcia, 1999; André, 1998; Cunha, 1998; Félix, 1998; Maláter, 1998; Reynaldi, 1998; Rolim, 1998; Saquetti, 1997; Freitas, 1996; Barcelos, 1995; Gimenez, 1994).¹⁵

Vale salientar que grande parte destes estudos apenas descreve as crenças de professores e de aprendizes de línguas. No que concerne a esta questão convirjo com Barcelos (2001) e Teixeira da Silva (2005). Para Barcelos (2001, p.87) os estudos sobre crenças “precisam ir além da simples descrição das crenças”. (...) “É preciso uma investigação contextualizada das crenças. É necessário entender como as crenças interagem com as ações dos alunos e que funções elas exercem em suas experiências de aprendizagem dentro e fora de sala de aula”. Teixeira da Silva (2005, p.155), por sua vez, argumenta que os estudos sobre crenças não devem se restringir apenas “a identificar problemas e apontar caminhos para possíveis soluções. É hora de estarmos lidando com as soluções”.

¹⁵ Se o leitor desejar obter informações minuciosas sobre os referidos trabalhos, veja Silva (2005, p. 215-235).

Continuando este panorama histórico dos estudos sobre crenças no ensino e na aprendizagem de línguas no Brasil, Barcelos (2004a, p.128) argumenta que a trajetória desse importante tópico na Linguística Aplicada, “crenças no ensino/aprendizagem de línguas”, fica ainda mais completa, “quando esse conceito começa a fazer parte de modelos teóricos”. No Brasil, Almeida Filho (1993) colocou teoricamente pela “primeira vez as crenças ou cultura/abordagem de aprender, como uma das forças operantes do seu Modelo de Operação Global do Ensino de Línguas capaz de influenciar todo o processo de aprendizagem de LE” (Barcelos, 2004a, p.128).

O modelo de “Operação Global de Ensino de Línguas”, proposto por Almeida Filho (1993), leva em consideração todo o sistema de ensino a partir de dada abordagem de ensinar em uma ordem hierárquica. Para Almeida Filho (1993, p.17), abordagem equivale “a um conjunto de disposições, conhecimentos, *crenças*, pressupostos e eventualmente princípios sobre o que é linguagem humana, LE, e o que é aprender e ensinar uma língua-alvo” (grifo meu). Como bem enfatiza esse autor, a abordagem constitui-se de idéias abstratas e mobiliza-se para explicar o conjunto de elementos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem de uma LE. Ela é materializada em quatro dimensões essenciais. São elas:

- (1) planejamento das unidades de um curso;
- (2) produção de materiais didáticos ou a seleção dos mesmos;
- (3) experiências na, com e sobre a língua-alvo realizadas com os alunos tanto dentro quanto fora da sala de aula;
- (4) avaliação do rendimento dos alunos (como também a própria auto-avaliação do professor e avaliação dos alunos e/ou externo do trabalho do professor).

Essas fases materializadoras de ação (de ensinar e aprender línguas), que a abordagem norteia a ação de acordo com as concepções de: a) língua, linguagem e LE; b) ensinar e aprender língua que cada professor tem. O que me chama muito a atenção é, no entanto, a importância atribuída às crenças ou cultura/abordagem de aprender no modelo proposto por Almeida Filho (1993). Para o referido autor, as crenças ou cultura/abordagem de aprender é uma das forças operantes no “Modelo de Operação Global do Ensino de Línguas”, capaz de influenciar, conforme enfatizado por Barcelos (2004a, p.128), “positivamente ou negativamente todo o processo de ensino/aprendizagem de uma LE”. Esse modelo teórico, proposto por Almeida Filho (1993), pode ser visualizado na figura abaixo.

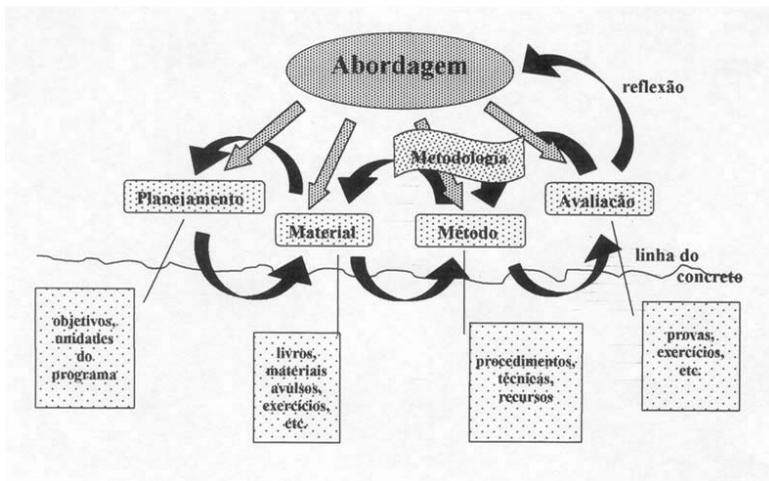


Figura 1: Modelo de Operação Global do Ensino de Línguas (Almeida Filho, 1993, p.22)

Vale salientar que os trabalhos desenvolvidos por Leffa (1991) e Carmagnani (1993),¹⁶ conforme apresentado e discutido por Silva (2005), antecedem cronologicamente o estudo de Almeida Filho (1993). A ênfase dada ao estudo realizado por Almeida Filho (1993) é devido a ser a primeira teorização brasileira em pesquisa aplicada sobre crenças no ensino e na aprendizagem de línguas. Os trabalhos que o antecederam não focalizam ainda a teoria das crenças, apenas tangenciam nessa temática de investigação.

IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS
E PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS

As crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas, segundo Silva (2005), têm inúmeras implicações para o processo de ensino e aprendizagem de línguas e para a formação de professores. A primeira implicação refere-se ao processo de permitir/incentivar a tomada de consciência, por parte dos futuros professores, de suas próprias crenças, e das crenças em geral, aquelas existentes até mesmo na literatura de *Linguística Aplicada* (crenças sobre ensino/aprendizagem de LE, crenças sobre o papel do professor e do aprendiz de línguas, dentre outras). Acredito que essa implicação contribuirá para a formação de professores e de alunos crítico-reflexivos, agentes questionadores do mundo à sua volta (cf. Silva, Rocha e Sandei, 2005). Concordo com Barcelos, Batista e Andrade (2004, p.14) quando afirmam que

¹⁶ Carmagnani (1993) realizou uma pesquisa qualitativa com alunos de Letras de uma universidade localizada no Estado de São Paulo. Os sujeitos participantes da pesquisa possuem: uma visão idealizada do processo e da escola, onde a aprendizagem é vista como agradável, sem conflitos e sob o controle de professor ou de uma instituição; revelam visão de “aprender” ligado a idéia de grupo, coletividade. Eles acreditam que é possível aprender uma língua em pouco tempo e com pouco esforço; para isto, é preciso viver no país onde se fala a LE. Acreditam ainda que a língua inglesa é mais fácil do que a língua portuguesa.

“ter consciência sobre as nossas crenças e ser capazes de falar sobre elas é”, a nosso ver, o primeiro passo para professores e alunos tornarem-se reflexivos.

A segunda implicação refere-se aos cursos de formação de professores de línguas, que deveriam preparar os futuros professores para lidarem com a diversidade das crenças em suas salas e estarem preparados para os prováveis conflitos que poderão surgir entre as crenças do professores e dos seus alunos (Prabhu, 1990; Barcelos, 2004a). E isso só será possível, a meu ver, desde que as disciplinas do curso de Letras discutam questões específicas do ensino/aprendizagem de línguas desde o início do curso de Letras (cf. Paiva, 1997; Silva, 2005). As disciplinas Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado de Língua Inglesa, de Língua Portuguesa, de Língua Espanhola, de Língua Francesa, dentre outras, deveriam permear todo o curso de Letras. Ao mesmo tempo em que o aluno aprende a língua, deveriam ser trabalhados também os subsídios teóricos para ensiná-la com eficácia nas escolas da rede regular de ensino (pública ou particular).

SUGESTÕES PARA FUTURAS PESQUISAS SOBRE CRENÇAS NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

As pesquisas sobre crenças no ensino e na aprendizagem de línguas encontram-se na infância (cf. Barcelos, 2004b). Sendo assim, faz-se necessário o desenvolvimento de mais pesquisas nessa área de investigação na Linguística Aplicada. Para tanto, seguem abaixo algumas sugestões.

Estudos longitudinais poderiam acompanhar o aluno ingressante no curso de Letras até o seu final, ou mesmo estender-se após esse período, a fim de evidenciar o sistema de crenças desses mesmos alunos nos seus primeiros anos como professores de LE. Acredito que esse tipo de pesquisa possibilitar-nos-ia investigar a (re)construção, evolução e possíveis mudanças das crenças no decorrer dos anos e em diferentes contextos sociais. Além disso, poder-se-iam

desenvolver estudos que investigassem como as crenças são exploradas em sala de aula. Essa perspectiva de pesquisa, segundo Barcelos (2004b, p.34), auxiliar-nos-ia a compreender com mais nitidez como os professores de línguas “lidam com esse aspecto em sala de aula e as conseqüências disso para o ensino e aprendizagem de línguas”. Poder-se-iam investigar as crenças de alunos e professores inseridos em faculdades/universidades que têm curso para alunos da terceira idade. Vale salientar que estes contextos são de grande valia, e que não têm sido explorados ainda no campo da LA.

Seria de se esperar estudos profundos que focalizassem crenças mais específicas (cf. Barcelos, 2006), como por exemplo, crenças sobre o processo de avaliação (Moraes, 2005; Belam, 2004; Rolim, 1998), ensino de gramática (Kudiess, 2005; Madeira, 2005; Dutra e Melo, 2004; Carazzai, 2002;), expectativas quanto a ser um bom professor (Silva, 2000), um bom aprendiz (Araújo, 2004), linguagem lúdica (Finardi, 2004), correção/tratamento de erros (Silva, 2004; Silva, S., 2001), tradução (Pagano, 2000) e aprendizado do vocabulário (Vechetini, 2005; Conceição, 2004). Poderiam ser investigadas também as crenças sobre a cultura da língua-alvo, as crenças relacionadas com a seleção e produção de material didático, além do planejamento de aulas e leitura de textos em LE. Vale ressaltar que não há, até o presente momento, nenhum estudo empírico que investigue as variáveis mencionadas acima.

Outros estudos poderiam analisar o papel da linguagem na investigação de crenças, além de observar minuciosamente a interação e influência do sistema de crenças do professor nos seus respectivos alunos. Além, poderiam ser desenvolvidos mais estudos em LA com o objetivo primário de comparar as diferentes crenças em contextos diversos, como, por exemplo, crenças de alunos do curso de Letras, de cursos de idiomas e de escolas da rede pública e particular (Barcelos, 2001, 2006). Poder-se-iam desenvolver mais estudos com alunos do 1º e 2º Ciclos (1ª a 4ª séries) do Ensino Fundamental de escolas das redes municipal, estadual e

particular, como o trabalho de Rocha (2006). Além disso, poderíamos desenvolver trabalhos na LA para investigar as crenças de formadores de professores de línguas, coordenadores de cursos de Letras e de centros de línguas, crenças de diretores ou donos de escolas, pais, autores de material didático, autores dos documentos oficiais da Educação (Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs; Leis e Diretrizes e Bases para a Educação – LDB), a mídia escrita e/ou falada. Há, até o presente momento, poucos estudos empíricos na Linguística Aplicada que investiguem as crenças dos sujeitos mencionados acima.

Para finalizar esta seção, gostaria de sugerir mais estudos na LA sobre crenças de professores, alunos e terceiros no que concerne ao ensino e aprendizagem de outras línguas, como por exemplo, língua portuguesa, espanhola, francesa, chinesa, Libras, dentre outras. Além disso, vejo a necessidade de desenvolver estudos empíricos em LA que investiguem as crenças de professores e alunos no meio virtual, como por exemplo, o Teletandem (cf. Vassallo e Telles, 2006; Telles e Vassallo, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado e discutido neste artigo, o conceito crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas tem despertado o interesse de inúmeros pesquisadores da LA, tanto no contexto brasileiro quanto no exterior. Vários fatores, a meu ver, contribuíram para isso. Primeiro, o grande número de pesquisas (Rocha, 2006; Garbuio, 2005; Silva, 2005; Vechetini, 2005; Araújo, 2004; Conceição, 2004; Belam, 2004; Finardi, 2004; Rottava e Lima, 2004; Silva, 2004; Vieira-Abrahão, 2004; Bandeira, 2003; Chimim, 2003; Dias, 2003; Leite, 2003; Perina, 2003; Silva, N., 2003; Carazzai, 2002; Gimenez, 2002; Nicolaidés e Fernandes, 2002; Kudiess, 2002; Nonemacher, 2002; Leffa, 2001; Marques, 2001; Silva, L., 2001; Silva, S., 2001; Barcelos, 2000; Carvalho, 2000; Silva, I., 2000;

Almeida Filho, 1999; André, 1998; Félix, 1998; Maláter, 1998; Reynaldi, 1998; Rolim, 1998; Freitas, 1996; Barcelos, 1995; Gimenez, 1994) que já foram e que estão sendo realizadas no contexto brasileiro e no exterior. Muitas delas já foram defendidas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* (Mestrado e Doutorado) e publicadas em livros e em diversos periódicos da LA.

O segundo fator está relacionado com a inserção desse tópico em modelos teóricos (Almeida Filho, 1993). Todos esses fatores realmente contribuíram para a consolidação desse importante tópico na LA.

Levando-se em consideração a relevância desse importante conceito nas pesquisas em LA, recai sobre os professores, alunos e pesquisadores da LA uma grande responsabilidade, que é dar contorno e sentido a esse novo paradigma que se vislumbra na LA. E isso só será possível, conforme assevera Barcelos, Batista e Andrade (2004, p.34), se tivermos “tempo em nossas aulas para discutir essas questões e os resultados de nossas investigações com os alunos”. Se assim procedermos, estaremos ajudando os nossos alunos “a serem mais reflexivos”, e os mesmos, por sua vez, encontrarão “soluções para os problemas” que porventura possam enfrentar no complexo processo de aprender línguas.

Segundo Kern (1995), a consciência a respeito das variáveis subjacentes no processo ensino/aprendizagem de LE por parte do aprendiz pode ajudá-lo no estabelecimento de objetivos mais realistas, além de permitir melhor compreensão de suas frustrações e dificuldades, permitindo aos professores a elaboração de um plano de ação mais efetivo numa parceria de maior reflexão e colaboração entre alunos e professor, com o propósito comum de aprender e ensinar a língua-alvo (neste caso, o Inglês).

Contudo, concebo as crenças no ensino e na aprendizagem de línguas como a pequena ponta de um grande iceberg, ou seja, os estudos das crenças são, a meu ver, o ponto de partida para as teorizações, ou seja, são uma

reserva potencial para os pressupostos no ensino de línguas, intimamente interligada com a nossa prática pedagógica e com a formação de professores (e acrescento, “de alunos”) de línguas críticos e reflexivos (Silva, 2005, p.160).

REFERÊNCIAS

ABELSON, R. Differences between belief systems and knowledge systems. *Cognitive Science*, v.3, p.355-366, 1979.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas: Pontes, 1993.

_____. Análise de Abordagem como Procedimento Fundador de Auto-Conhecimento e Mudança para o Professor de Língua Estrangeira. In: _____. (Org.) *O Professor de Língua Estrangeira em Formação*. Campinas, SP: Pontes, 1999. p.11-28.

_____. (Org.) *O Professor de Língua Estrangeira em Formação*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. *Linguística Aplicada: Ensino de Línguas e Comunicação*. Campinas, SP: Pontes Editores e Arte Língua, 2005.

ANDRADE, A.A.C. *Crenças de alunos e professores da escola pública sobre a aprendizagem de língua na escola regular*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

ANDRÉ, M.C.S. *Crenças Educacionais de futuros professores de LE em fase de conclusão do curso de formação*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 1998.

ARAÚJO, D.R. *Crenças de professores de inglês de escolas públicas sobre o papel do bom aprendiz: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino/Aprendizagem de Línguas Estrangeiras), Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2004.

BAIGENT, M.; LEIGH, R; LINCLON, H. *A herança messiânica*. Trad. Maria Luisa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

BANDEIRA, G.M. *Por que ensino como ensino? A manifestação e atribuição de origem de teorias informais no ensinar de professores de LE (Inglês)*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2003.

BARCELOS, A.M.F. *A cultura de aprender língua estrangeira (inglês) de alunos de Letras*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1995.

_____. *Understanding teachers' and students' language learning beliefs in experience: A Deweyan Approach*. Tese (Doutorado), The University of Alabama, Tuscaloosa, 2000.

_____. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v.1, n.1, p.71-92, 2001.

_____. Crenças sobre aprendizagem de línguas, lingüística aplicada e ensino de línguas. *Linguagem & Ensino*, v.7, n.1, p.123-156, 2004a.

_____. Crenças sobre Aprendizagem e Ensino de Línguas: o que todo professor de línguas deveria saber. In: CAMPOS, M.C.P.; GOMES, M.C.A. (Org.). *Interações Dialógicas: Linguagem e Literatura na Sociedade Contemporânea*. Viçosa: Editora UFV, 2004b.

_____. Cognição de professores e alunos: Tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: ____; VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. (Org.) *Crenças e Ensino de Línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas, SP: Pontes, 2006. p.15-42.

____; BATISTA, F.S.; ANDRADE, J.C. Ser professor de inglês: crenças, expectativas e dificuldades dos alunos de Letras: In: VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. (Org.) *Prática de ensino de Língua Estrangeira: Experiências e Reflexões*. Campinas, Pontes, 2004. p.11-29.

____; VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. (Org.) *Crenças e Ensino de Línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

BELAM, P.V. *A interação entre as culturas de avaliar de uma professora de LE (Inglês) e de seus alunos do curso de Letras no contexto de uma universidade particular*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2004.

BREEN, M.P. The social context for language learning - a neglected situation? *Studies in second language acquisition*, v.7, n.2, p.136-158, 1985.

___; CANDLIN, C. The essentials of a communicative curriculum in language teaching. *Applied Linguistics*, v.1, n.2, p.89-112, 1980.

CALDERHEAD, J.; ROBSON, M. Images of teaching: student teachers' early conceptions of classroom practice. *Teaching and Teacher Education*, v.7, n.1, p.1-8, 1991.

CARAZZAI, M.R.P. *Grammar and grammar teaching: a qualitative study of EFL teachers' beliefs and behaviors*. Dissertação (Mestrado em Letras/Inglês), CCE/UFSC, Florianópolis, 2002.

CARDOSO, R.C.T. *O imaginário do comunicativismo entre professores de língua estrangeira / Inglês (e sua confrontação com teoria externa)*. Tese (Doutorado em Letras – Filologia e Lingüística Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2002.

CARMAGNANI, A.M. *Ensino centrado no aluno: a adequação de uma proposta metodológica no contexto brasileiro*, 1993. 30p. (mimeo)

CARVALHO, V.C.P.S. *A aprendizagem de língua estrangeira sob a ótica de alunos de Letras: crenças e mitos*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos), Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2000.

CHIMIM, R. *O fazer, o saber e o ser: reflexões de/sobre professores de inglês de uma escola de idiomas*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem), PUC-SP, São Paulo, 2003.

- CLARK, C.M. Asking the right questions about teacher preparation: contributions of research on teacher thinking. *Educational Researcher*, p.5-12, March 1988.
- COELHO, H.S.H. “É possível aprender inglês em escolas públicas?” *Crenças de professores e alunos sobre o ensino de inglês em escolas públicas*. Dissertação (Mestrado Estudos Lingüísticos), Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2005.
- COLE, A. Personal theories of teaching: development in the formative years. *The Alberta Journal of Educational Research* , v.36, n.3, p.203-222,1990.
- CONCEIÇÃO, M.P. *Vocabulário e consulta ao dicionário: analisando as relações entre experiências, crenças e ações na aprendizagem de LE*. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos), Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2000.
- COTTERRAL, S. Key variables in language learning: what do learners believe about them? *System*, v.27, p.493-513, 1999.
- DAMIÃO, S.M. *Crenças de professores de inglês em escolas de idiomas: um estudo comparativo*. Dissertação. (Mestrado em Lingüística Aplicada), Faculdade de Letras, PUC-SP, São Paulo, 1994.
- DEL PRETTE, Z.A.P; DEL PRETTE, A. *Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- DEWEY, J. *How we think*. Lexington: D. C. Health and Company, 1933.
- DIAS, E. *Falar ou não falar?: Eis a questão*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2003.
- DORON, R.; PAROT, F. (Org.). *Dicionário de Psicologia*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.
- DUTRA, D.P.; MELLO, H. A prática reflexiva na formação inicial e continuada de professores de língua inglesa. In: VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. (Org.) *Prática de Ensino de Língua Estrangeira: Experiências e Reflexões*. Campinas, Pontes, 2004. p.31-44.

ELBAZ, F. *Teacher Thinking - A Study of Practical Knowledge*. London: Croom Helm, 1983

ELLIS, R. *The study of second language acquisition*. London: Oxford University Press, 1994.

FÉLIX, A. *Crenças do professor sobre o melhor aprender de uma língua estrangeira na escola*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1998.

FERREIRA, A.B.H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª Edição. Editora Nova Fronteira, 1986.

FINARDI, K. *Teachers' use and beliefs on ludic language in the foreign language class*. Dissertação (Mestrado em Letras/Inglês), CCE/UFSC, 2004.

FREITAS, M.A. *Uma análise de primeiras análises de abordagem de ensino do professor de língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1996.

GARBUIO, L. M *Revelação e origens de crenças da competência implícita de professores de língua inglesa*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2005.

GIL, G.; RAUBER, A.S.; CARAZZAI, M.M.; BERGSLEITHNER, J. (Org.) *Pesquisas qualitativas no ensino e aprendizagem de língua estrangeira: a sala de aula e o professor*. Florianópolis: UFSC, 2005.

GIMENEZ, T. *Learners becoming teacher: an exploratory study of beliefs held by prospective and practicing EFL teachers in Brazil*. Tese (Doutorado), Lancaster University, Lancaster, 1994.

_____. (Org.) *Trajetórias na formação de professores de línguas*. Londrina: Editora UEL, 2002.

GRATÃO, I.B. *Crenças sobre aprendizagem de língua inglesa em práticas discursivas de alunos concluintes de um curso de Letras*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), UFRN, Natal, 2006.

HOLEC, H. The learner as manager: Managing learning or managing to learn? In: WENDEN, A.; RUBIN, J. (Ed.) *Learner strategies in language learning*. London: Prentice Hall, 1987. p.145-156.

HOROWITZ, E. Using students' beliefs about language learning and teaching in the foreign language methods course. *Foreign Language Annals*, v.18, n.4, p.333-340, 1985.

____. Surveying students' beliefs about language learning. In: WENDEN, A.; RUBIN, J. (Ed.). *Learner strategies in language learning*. Cambridge: Prentice Hall, 1987. p.119-129.

HOSENFELD, C. *Students' mini theories of second language learning*. Association Bulletin, v.29, n.2, 1978.

JOHNSON, K. E. *Understanding language teaching: Reasoning in action*. Boston: Heinle & Heinle, 1999.

KALAJA, P. Students beliefs (or metacognitive knowledge) about language SLA reconsidered. *International Journal of Applied Linguistics*, v.5, n.2, p.191-204, 1995.

____; BARCELOS, A.M.F. (Org.). *Beliefs about SLA: New research approaches*. Kluwer Academic Publishers. Netherlands, 2003.

KERN, R.G. Students' and teachers' beliefs about language learning. *Foreign Language Annals*, v.28, n.1, p.71-92, 1995.

KUDIESS, E. *As crenças e os sistemas de crenças do professor de inglês sobre o ensino e aprendizagem de LE no sul do Brasil: sistemas, origens e mudanças*. Tese (Doutorado), Universidad de Barcelona, Barcelona, 2002.

____. As crenças e os sistemas de crenças do professor de inglês sobre o ensino e aprendizagem de LE no sul do Brasil: sistemas, origens e mudanças. *Linguagem & Ensino*, v.8, n.2, p.39-96, 2005.

KUNTZ, P. *Beliefs about language learning: The Horwitz Model*. [ERIC Document Reproduction Service Nº ED397649], 1996.

KRUGER, H.R. Ação e crenças. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v.45, n.3-4, p.3-11, 1993.

LEFFA, V.J. A look at students' concept of language learning. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, n.17 , p.57-65, jan./jun. 1991.

_____. (Org.) *O professor de línguas estrangeiras – construindo a profissão*. Pelotas: Educat, 2001.

LEITE, E.F.O. *Crenças: um portal para o entendimento da prática de uma professora de inglês como língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado em Letras), Estudos da Linguagem, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2003.

LIMA, S.S. *Crenças de uma professora e alunos de Quinta série e suas influências no processo de ensino e aprendizagem de inglês em escola pública*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2005.

MADEIRA, F. Crenças de professores e Português sobre o papel da gramática no ensino de Língua Portuguesa. *Linguagem & Ensino*, v.8, n.2, p.17-38, 2005.

MALATÉR, L.S.O. *Teacher's beliefs on foreign language teaching and learning: a classroom study*. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, FURG, Rio Grande, 1998.

MARQUES, E. A. *As crenças e pressupostos que fundamental a abordagem de ensinar língua estrangeira (Espanhol) em curso de licenciatura*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2001.

MASTRELLA, M.R. *A relação entre crenças dos aprendizes e ansiedade em sala de aula de língua inglesa: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Letras), UFG, Goiânia, 2002.

MATEUS, E.F. *Supervisão de estágio e formação do professor de inglês*. Dissertação (Mestrado em Educação), Centro de Educação, Comunicação e Artes, UEL, 1999.

MIRANDA, M.M.F. *Crenças sobre o ensino-aprendizagem de língua estrangeira (inglês) no discurso de professores e alunos de escolas*

públicas. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005.

MORAES, R.N. *A cultura de avaliar de uma professora no processo ensino-aprendizagem de língua estrangeira (inglês): implicações para a formação de professores*. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2005.

NESPOR, J. The role of beliefs in the practice of teaching. *Journal of Curriculum Studies*, v.19, p.317-328, 1987.

NICOLAIDES, C.; FERNANDES, V. *Crenças e atitudes que marcam o desenvolvimento da autonomia no aprendizado de língua estrangeira*. *The ESPecialist*, v.23, n.1, p.75-99, 2002.

NONEMACHER, T.M. *Crenças e práticas de professores em formação em ensino de espanhol como língua estrangeira em ensino médio*. Dissertação (Mestrado em Educação), Departamento de Pedagogia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2002.

PACHECO, J.A. *O Pensamento e a Ação do Professor*. Lisboa: Porto Editora, 1995.

PAGANO, A.S.; MAGALHÃES, C.M.; ALVES, F. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000.

PAIVA, V.L.M.O. A identidade do professor de inglês. *APLIEMGE: ensino e pesquisa*. Uberlândia: APLIEMGE/FAPEMIG, n.1, p.9-17, 1997.

PAJARES, F.M. Teachers' beliefs and educational research: cleaning up a messy construct. *Review of Educational Research*, v.62, n.3, p.307-332, 1992.

PEACOCK, M. Pre-service ESL teachers' beliefs about second language learning: a longitudinal study. *System*, v.29, p.177-195, 2001.

PEIRCE, C.S. The fixation of belief. In: WEINER, P.P. (Org.) *Charles S. Peirce: Selected writings*. New York: Dover, 1877/1958. p.91-112.

PEREIRA, K.B. *A interação da abordagem de ensinar de um professor de inglês de escola pública com o contexto de sala de aula*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos), UNESP, São José do Rio Preto, 2005.

PERINA, A.A. *As crenças dos professores em relação ao computador: coletando subsídios*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem), PUC-SP, São Paulo, 2003.

POSNER, G.J. et al. Accommodation of a scientific conception: toward a theory of conceptual change. *Science Education*, v.66, n.2, p.211-227, 1982.

PRABHU, N.S. There is no Best Method – Why? *Tesol Quarterly*, v.24, n.2, 1990.

PRICE, H.H. *Beliefs*. Bristol: Thoemmes Press, 1969.

RAYMOND, A.M; SANTOS, V. Pre-service elementary teachers and self-reflection: how innovation in Mathematics teacher preparation challenges mathematics beliefs. *Journal of Teacher Education*, v.46, n.1, jan/fev1995.

REYNALDI, M.A. *A cultura de ensinar língua materna e língua estrangeira em um contexto brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP, Campinas, 1998.

RILEY, P. Learners' representations of language and language learning. *Mélanges Pédagogiques C.R.A.P.E.L.*, v.2, p.65-72, 1989.

_____. Aspects of learner discourse: Why listening to learners is so important. In: ESCH, E. (Org.). *Self-access and the adult language learner*. London: Centre for information on language teaching, 1994. p.7-18.

ROCHA, M.S. *Cognições de futuros e atuais professores sobre como motivar aluno*. Dissertação (Mestrado), Centro de Comunicação de Artes. Universidade Estadual de Londrina. 2002.

ROCHA, C.H. *Provisões para Ensinar LE no Ensino Fundamental de 1ª a 4ª Séries: dos Parâmetros Oficiais e Objetivos dos Agentes*.

Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2006.

ROLIM, A.C.O. *A cultura de avaliar de professoras de língua estrangeira (inglês) no contexto da escola pública*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1998.

ROTTAVA, L.; LIMA, M. S. *Lingüística Aplicada: relacionando teoria e prática no ensino de línguas*. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

SADALLA, A.M.F.A. *Com a palavra, a professora: suas crenças, suas ações*. Campinas: Alínea, 1998.

SAKUI, K.; GAIES, S.J. Investigating japanese learners' beliefs about language learning. *System*, v.27, p.473-492, 1999.

SANTOS, L.I.S. *Crenças acerca da inclusão de língua inglesa nas séries iniciais: quanto antes melhor?* Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem), UFMT, Cuiabá, 2005.

SCHÖN, D. A. *The Reflective Practitioner*. Nova York: Basic Books, 1983.

_____. *Educating the Reflective Practitioner*. San Francisco: Jossey Bass Publishers, 1987.

_____. *Educando o profissional reflexivo - um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SHULMAN, L. Paradigms and research in the study of teaching: a contemporary perspective. In: WITTRICK, M.C. *Handbook of Research on Teaching*. 3º Ed, New York: Macmillan, 1986

SILVA, I.M. *Percepções do que seja ser um bom professor de inglês para formandos de Letras: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2000.

SILVA, K.A. *Crenças e aglomerados de crenças de alunos ingressantes em Letras (Inglês)*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2005.

___; ROCHA, C.H.; SANDEI, M.L.R. A importância do estudo das crenças na formação de professores de línguas. *Contexturas: Ensino Crítico de Inglês*, APLIESP, v.8, p.19-40, 2005.

SILVA, L.O. *Crenças sobre aprendizagem de língua estrangeira de alunos formandos de Letras: um estudo comparativo*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2001.

SILVA, N.P. *A cultura de aprender língua estrangeira (inglês) dos alunos de uma escola da Secretaria de Estado de Educação do DF*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

SILVA, S.R.E. *Manifestações de controle do professor de inglês como língua estrangeira: um estudo de caso*. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada), Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2001.

SILVA, S.V. *Crenças relacionadas à correção de erros: um estudo realizado com dois professores de escola pública e seus alunos*. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística), Instituto de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2004.

SOUZA, M.L.R.M. *Crenças de alunos de um instituto de língua inglesa: a possibilidade de interferência positiva do professor*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos), Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2004.

TEIXEIRA DA SILVA, V.I. Resenha do livro de Maria Helena Vieira-Abrão *Prática de Ensino de Língua Estrangeira: experiências e reflexões*. *Revista do ISAT*, n.3, p.155-157, 2004.

TELLES, J.A. *Being a Language Teacher: Stories of Critical Reflexion on Language and Pedagogy*. Tese (Doutorado), University of Toronto, 1996.

___; VASSALLO, M.L. *Foreign language learning in-tandem – Part II: Teletandem as an alternative proposal in CALLT*. Manuscrito não publicado.

TRAJANO, I.S.N. *Crenças espontâneas do aprender LE (inglês): a perspectiva do alunado*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2005.

VASSALLO, M.L.; TELLES, J.A. *Foreign language learning in-tandem – Part I: A critical review of its theoretical and practical principles*. Manuscrito não publicado.

VECHETINI, L.R. *Crenças sobre o ensino de vocabulário em língua estrangeira (Inglês) para alunos iniciantes*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2005.

VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. Crenças, pressupostos e conhecimentos de alunos-professores de língua estrangeira e sua formação inicial. In: VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. (Org.). *Prática de Ensino de Língua Estrangeira: experiências e reflexões*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

WENDEN, A. Helping language learners think about learning. *ELT Journal*, v.40, n.1, p.3-12, 1986.

WILLIAMS, M.; BURDEN, R. *Psychology for Language Teachers*. Cambridge: CUP, 1997.

WOODS, D. *Teacher cognition in language teaching: beliefs, decision-making and classroom practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

[Recebido em dezembro de 2005
e aceito para publicação em junho de 2006]

Title: *Beliefs about teaching and learning languages in Applied Linguistics: a historical view of belief studies in the Brazilian context*

Abstract: *This article presents a review of the literature on the concept of beliefs about the teaching and learning of languages in the field of Applied Linguistics. In order to do that, I present an overview of how this concept has been researched lately abroad and especially in the Brazilian context. I conclude with implications for the teaching and learning of foreign language and for further research on beliefs about learning and teaching language in Applied Linguistics.*

Key-words: *beliefs about language learning/teaching; language teaching; language learning; Applied Linguistics.*

Resenhas



